

FACON - POLO A CASA TOMBADA
PÓS-GRADUAÇÃO “GESTOS DE ESCRITA COMO PRÁTICA DE RISCO”

CLÁUDIA REGINA RICCI

CARTAS PARA A CASA

Sobre a construção de um Gesto de Escrita: O Livro Casa

Orientadoras

Prof. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira

Prof. Mariana Galender

Leitores

SÃO PAULO – SP
2022

RESUMO

Esse trabalho se propõe a contar, por meio de cartas, o gesto de escrever um livro. A escrita sendo observada pela escrita. A escrita dizendo sobre a escrita. O gesto de escrever cartas dizendo sobre o gesto de escrever um livro. O livro sendo gerado, gestado, buscando formas de nascer. As cartas dizendo sobre essa construção. Sobre colocar-se no mundo escrevendo.

Quais as ideias? Qual a forma? Quais os gestos sem palavra? Quais os autores que compartilham palavras?

As cartas contando sobre um livro que ronda a atmosfera de uma casa. Casa destinatária das cartas. Casa que ultrapassa o espaço de paredes e transborda um corpo.

Que casa é essa? Que corpo é esse?

Como a escrita acontece enquanto as cartas são escritas?

Um corpo em movimento no gesto de escrever um livro, no gesto de escrever cartas. Casa Corpo no gesto de Escrita de Si.

Palavras-chave: escrever, cartas, escrita, livro, casa, corpo, escrita de si.

SUMÁRIO

1 Sala	4
2 Quarto	6
3 Porta dos Fundos	7
4 Cama	8
5 Banheiro	10
6 Jardim	12
7 Canto de Escrever	14
8 Quintal	17
9 Quartinho	20
10 Resposta da Casa	22
11 Canteiro de Obras	23
12 (IN) CÔMODOS	24
13 P.S. OU CONCLUSÃO : De volta à Porta de Entrada	45
14 ANEXO AGRADECIMENTO 1	46
15 ANEXO AGRADECIMENTO 2	47
16 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	49

Sala, final de uma tarde de 2021.

Querida Casa!

Preciso te contar que assumi um gesto.

Está nascendo um livro. Sobre você.

Venho te contar da gestação. De um gesto de escrita.

Um livro. O livro que está nascendo em casa. Nos cômodos... E incômodos.

Estamos em processo Eu e Você. Em construção. Ainda no projeto.

No início achei que não tinha projeto. Na verdade, não tinha assumido que o tinha. Começava a escrever algumas coisas, mas percebi que o que queria estava mais no fundo. Encontrei no seu porão.

Vasculhando meus textos, escritos em diferentes épocas e situações, espantei-me com a quantidade de coisas que escrevi e escrevo partindo de você. Um lugar casa. Não de uma casa especificamente. Não de como você é feita, o que te acontece ou quem te habita. Nada disso. São textos curtos, cenas, prosa poética, poemas, frases... Enfim, nada com forma definida. Vou te mostrar alguns. O que eles têm em comum? Sua atmosfera. Ficção e não ficção, mas sempre rondando a casa. A primeira carta que te escrevi foi a disparadora dessa vontade de colocar tudo num livro. Fiz um caderno onde escrevo pra você. Um caderno sombra. Que vai dizendo por onde estamos indo com esse sonho. Sonho porque não sei se o livro existe como tal só na minha cabeça ou tem realmente uma possibilidade. A imagem é a do leitor entrando, como se tivesse nos olhos uma câmera guiando os passos enquanto caminha dentro de você. À medida que vê os textos, entrará na atmosfera de memórias, de questionamentos, de coisas que acontecem na vida miúda, no dia a dia que passa despercebido, abrindo suas próprias portas, seus próprios significados.

Disseram que uma característica forte da minha escrita é ampliar as coisas banais, do dia a dia, dando um zoom nelas e trazendo para o foco. Acreditei.

Isso é estilo?

Pensei em deixar os textos bem variados, como seus cômodos, com ares diferentes, com lugares organizados e desorganizados, com cantos escondidos.

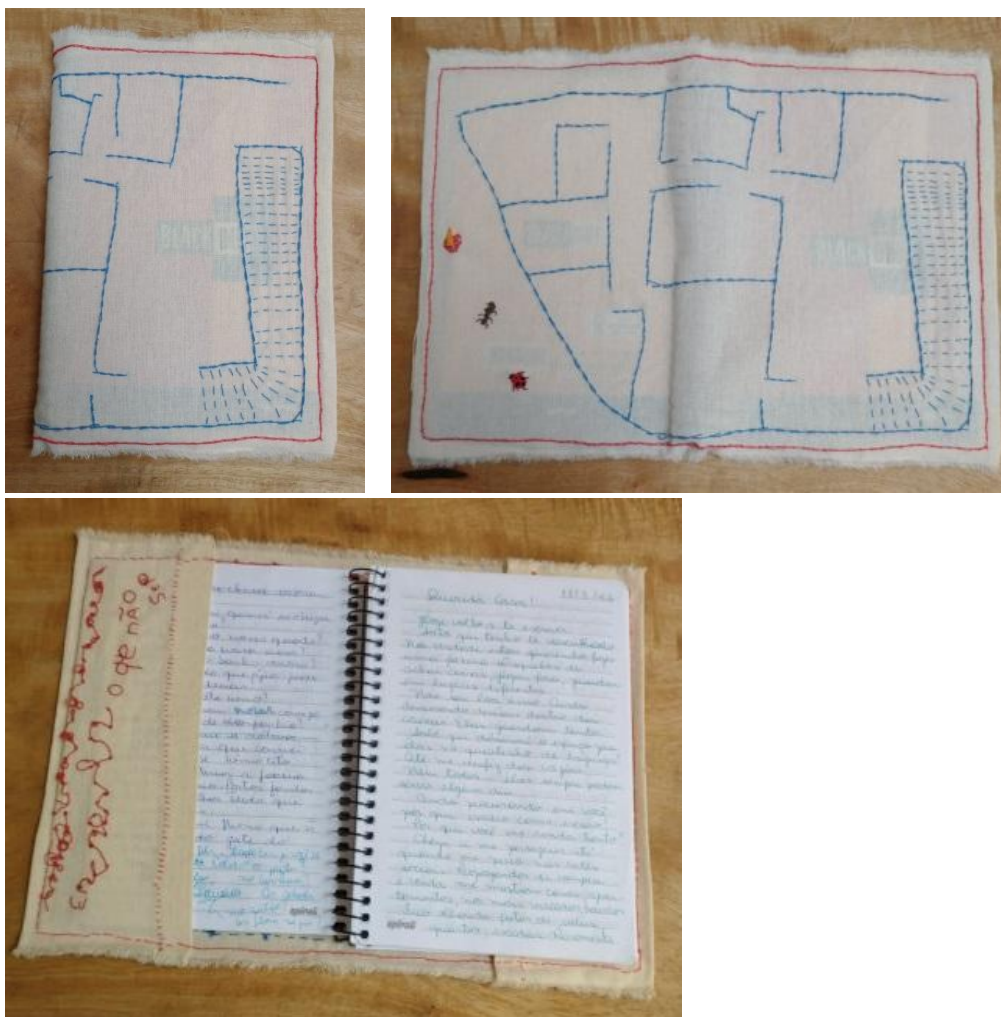
Dar a liga entre os textos é o grande desafio. O desejo é causar aquela reação de "*Esse texto tinha mesmo que estar aqui*", ou "*O que isso está fazendo nesse lugar*"?

Você me ajuda a descobrir que argamassa usar?

P.S.: Não fique chateada. Encontrei textos que falam de "não casa".

Te explico.

Já pensou que cemitério é uma casa de corpos que não mais se habitam? E que barriga de mãe é a primeira morada?



Caderno Sombra (Cláudia Ricci 2022)

Quarto, um mês depois de um dia qualquer de 2021.

Querida Casa!

Hoje volto a te escrever. Ainda que não tenha recebido resposta expressa. Cartas nem sempre exigem resposta. Não as que te escrevo.

Sabe que tenho te vasculhado? Na verdade, tenho feito faxina em você. daquelas de achar coisas, jogar fora, guardar em lugares diferentes, (se) esconder embaixo do tapete.

Não sou boa nisso. Acabo demorando demais nas caixas. Guardam demais.

Cheguei a diminuir o espaço para elas no quartinho de bagunça. Até me desfiz das vazias.

Confesso que nem de todas. Sempre levo em conta que terei coisas novas para esconder.

Ando procurando palavras em você. Por que você me vigia? Parece até o guarda noturno. Aquele que apita quando escrevo de madrugada. Aquele que é “guarda do túnel” no ouvido da criança.

Apita nas ruas, nas revistas, nas redes sociais, nas panelas, nos sonhos. Fico vagando em salas, quartos, escadas. Raramente em banheiros. O que ocultam azulejos?

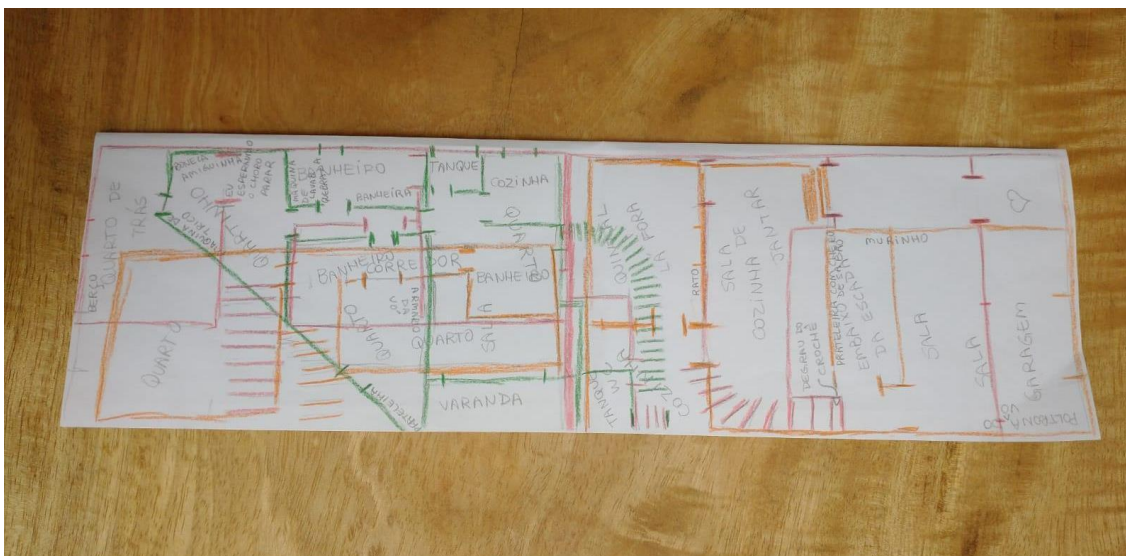
Quem sabe construo uma casa?

É certo que demoraria muito tempo namorando sobre a planta.

Quem sabe acabo de escrever o livro?

É certo que vai chegar a hora que as pernas não vão dar conta dos degraus.

Então escrevo, escrevo e continuo te perguntando: Por que você está sempre à minha espreita?



Planta baixa de memórias (Cláudia Ricci, 2021)

Porta dos fundos, um dia já de 2022.

Querida Casa!

Não encontrei respostas para as perguntas que te fiz. Penso até que nunca vou encontrar. Quanto mais escrevo, mais perguntas aparecem. Pensei em desistir.

O corredor é comprido e escuro. Tive medo.

Mas acendi algumas luzes. Voltei.

Você e eu somos corpo. Com pedaços cômodos.

Ainda não sei o que cabe em cada cômodo. Que pedaço é meu ou seu. Onde colocar as coisas?

Nossas paredes escorrem em dias de chuva. Pelo canto dos olhos.

Quem se interessaria por nossos cacos? Nossas rachaduras e telhas quebradas?

Alguém vai querer se abrigar sob nosso teto?

Dormir no nosso quarto?

Comer na nossa mesa?

Entrar no chuveiro conosco? Mesmo sabendo que a água vai estar quente demais?

Vamos ter que conviver debaixo do mesmo telhado. Continuar escrevendo, ainda que sem eira nem beira.

Vou abrir a porta.

Continuar a faxina. Abrir os armários.

Portas janelas caixas vasilhas. Tudo que se pode abrir. Ralos também.

Tudo bem pra você se eu colocar os pratos no banheiro? Os cabides no quintal? As flores na pia?



Cama, debaixo das cobertas, num dia frio de 2022.

Querida Casa!

Vou te contar porque escolhi escrever cartas pra contar do livro. Poderia ter escolhido qualquer outro jeito. Confesso que tenho dificuldade com escolhas. Vivo transitando entre manualidades tantas. Ou seria entre gestos de escrita tantos? Bordar é escrever? Costurar é escrever? Desenhar é escrever? Escrever é inscrever?

Agora só confesso. Cartas são propícias para confissões. Não aquelas que eu escrevia na adolescência, para uma alemã e um grego. Que língua falávamos? É possível escrever quando não se sabe? Não entendia muitas coisas. Ainda não entendo. E escrevo...

Se Maria Gabriela, que é Llansol¹, dizia não saber escrever, posso eu também escrever sem saber?

Cartas favorecem confissões. Eu as tenho experimentado.

Primeiro numa Oficina², na qual escrevia pra mim mesma. Parece esquisito... e é. Você começa tateando, não sabendo bem o que colocar no papel, até que começa de verdade. As palavras vão acontecendo, quase brotando, sem saber de onde. Como que saindo do corpo. E é bom que seja assim. Você só tem um destinatário e, algumas vezes, algo sobre o que dizer.

Depois trocando correspondências com outras alunas da pós-graduação “Gestos de Escrita como prática de risco”³, num grupo que se denominou “Núcleo Germinativo Escrita de Si”, criado para aproximar trabalhos e que aproximou pessoas.

Cartas podem aproximar. Ou afastar...

Já ouvi que carta afasta o medo de escrever. Aquele famoso que paralisa diante da folha em branco. Esse não conheço. Ainda não tinha sido apresentada. Procurei então o tal me colocando frente à folha para desenhar. Desenhar mesmo, de verdade, me inscrevi num curso. Não sabia por onde começar. Apontei lápis, fiz caderno como os que ensinava para crianças. Juntei folhas, amarrei, olhei, olhei, olhei. Comecei testando o lápis, experimentando os grafites. Mole, duro, fino, grosso. Fui vendo como gritavam no papel.

¹ Maria Gabriela Llansol foi uma escritora e tradutora portuguesa. Nascida em 24 de novembro de 1931 em Lisboa e falecida em 03 de março de 2008 em Sintra.

“Eu, quanto mais escrevo, mais difícil e cheio de obstáculos encontro o caminho de escrever. Em minha consciência, eu não devo escrever para dar a ler primeiro o que já disse, segundo o que já foi dito. Concluo daí que eu não sei escrever, e que constantemente anseio pelas modificações da minha vida: os horizontes, as perspectivas, as intermitências, as regras”. (Herbais, 15 de dezembro de 1981. Um Falcão no Punho, p.71.).

² Oficina “Carta Registrada: a escrita imersiva como correspondência de si.” – coordenação Danielle Monteiro, 2021.

<https://open.spotify.com/show/4m0J2t1xYKekrNi1F2zD6C?si=wVWTdlBRRgu83dF-NaYnNw>

³ Curso realizado pela Faculdade de Conchas/polo “A Casa Tombada”

Cantando ou falando macio, com voz doce ou ardida? Fiquei ensaiando por onde começar. Não sabia. Olhei a folha em branco... Olhei o olho a ser desenhado. O meu. Olho no meu olho. Medo. É esse o medo da folha em branco do qual tanto falam? É assim com o medo de escrever? Não sei. Fico procurando na lembrança de onde vem o não medo. De onde não o conheço? Cartas enganam bem.

Começam querendo contar algo. Pensam estar contando pra alguém, coisa qualquer (parafrazeando não lembro quem), sem compromisso literário. E quando menos se espera acontece... A escrita.

Vou usar as cartas como desculpa para escrever. Não exijo resposta. Não exijo interlocução. Serão desculpas para dizer a mim mesma. Desculpa para colocar no mundo meu gesto de escrita. Um deles.

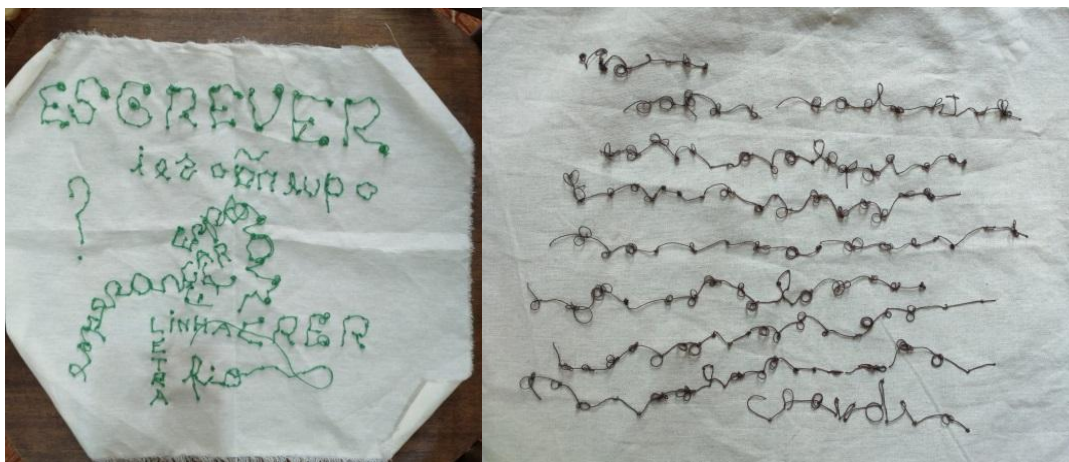
Uma carta precisa de um destinatário.

Seja ele qual for. Pessoa, coisa, sentimento, lugar. Qualquer algo que esteja na intenção do gesto de escrever. Qualquer alvo presente no olho de quem escreve. Olho imaginado, desejado, olho vontade. Basta isso para começar. Para que se instale o gesto.

O destinatário desculpa da vez é a casa. Uma escolha. Que venho fazendo há tempos e não sabia.

Uma carta é um acontecimento de escrita.

E qual escrita não é?



Bordar é escrever? (Cláudia Ricci 2021)

Banheiro, no chuveiro numa manhã fresca de 2022.

Querida Casa!

Lembrei-me de dizer que tive ajuda para escolher as cartas como jeito de te contar do livro. Dia desses, conversando com Foucault⁴...

...Sim, converso com pessoas que não estão fisicamente entre nós. Autores. Tenham eles falecido ou vivam em lugares que nunca visitei. Não é nada sobrenatural. Se disseram algo que esbarre no que penso, é sintonia certa. Quando leio e estudo, isso acontece com frequência. Encontro frases, textos, livros inteiros que gostaria de ter escrito. Alguns trechos, penso eu, até poderia mesmo ter escrito. Outros dizem exatamente o contrário do que eu diria. Todos, de uma forma ou outra, mexem na minha direção. Com as palavras isso também acontece. Mudam minha direção.

Voltando a Foucault, esbarrei em algumas afirmações sobre correspondência e escrita de si que ele fez. Provocaram um estalo. Como na imagem da lâmpada que acende sobre a cabeça e a gente pensa estar tendo uma grande ideia. Bobagem. Alguém já teve a ideia. Nada é novo. E a gente pode sim se apropriar do que já disseram. A ideia passa a ser nossa também. Não é plágio. Não é crime. É apropriação de conhecimento. É mergulho no que o outro pensou. É pensar junto. É criar com alguém. Quem falou ficaria feliz em saber dessa sintonia. Acredite.

Quando li tais afirmações me vi num caminho muito interessante para dizer sobre o escrever. Peguei emprestado o olhar que ele teve e que se encaixou tão bem no meu. Veja se concorda comigo e com Michel:

1. *A carta enviada atua sobre quem a envia pelo próprio gesto da escrita e sobre quem recebe, pela leitura e releitura.*

Meu gesto de escrita me move a escrever, e você, ao me ler, é movida também. Ainda que suas paredes não saiam do lugar.

2. *A carta que é enviada constitui-se para o escritor uma maneira de treinar-se e eventualmente preparar-se se depois se encontrar em situação semelhante a de quem recebe.*

Quando estou te escrevendo, contando sobre o processo de escrever o livro, sobre meus entraves, dificuldades e descobertas, estou estudando meu próprio processo de criação. Na continuidade do projeto, ou em outro no futuro, já estarei um passo à frente do que acontece na escrita de um livro. Podemos chamar isso de estudo.

3. *Maneira de se manifestar a si e aos outros.*

Eu te contando tudo.

⁴ Michel Foucault foi um filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France, de 1970 até 1984. Nascido em 15 de outubro de 1926 em Paris e falecido em 25 de junho de 1984.

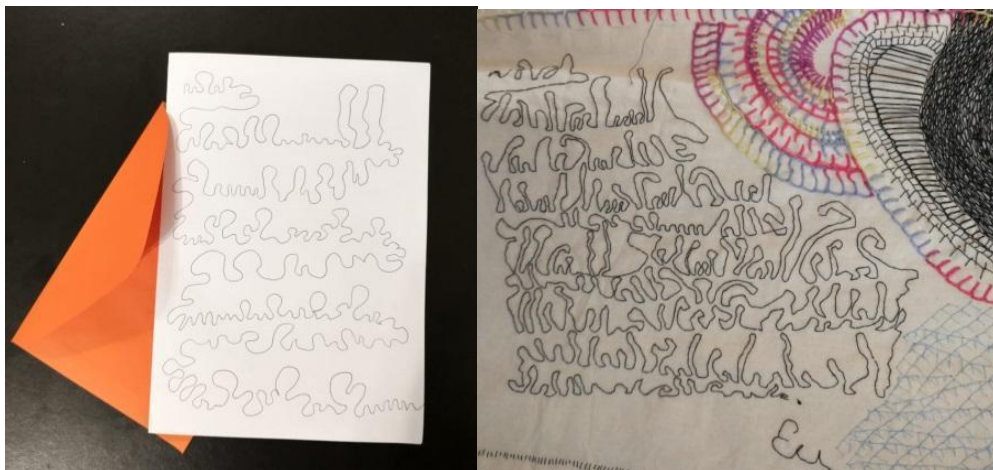
4. *Mostrar-se estar face a face ao outro.*

Ao te escrever me sinto dentro de você. Falando com suas paredes. Olhando pela sua janela. Abrindo suas portas. Limpando seus armários.

5. *Decifração de si para si.*⁵

Descubro-me à medida que te escrevo. Falo de mim. Digo e descubro coisas que a escrita vai me dizendo.

Parece tudo muito absurdo pra você? Pouco concreto?



⁵ A correspondência (FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é o autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.)

Jardim, numa manhã ensolarada de 2022.

Querida Casa!

Já imaginei tantos jeitos para o livro!

Você pode pensar... Um livro é um livro. Tenho tantos por aqui. Enfileirados na estante, empilhados sobre a mesa, esquecidos na mesa de cabeceira.

Nem imagina que não é tão simples como parece. Pra ter uma ideia, é mais complexo do que escolher tapete para a sala, cor da parede, puxador de armário, porta toalhas para o banheiro e altura de pendurar quadro.

O começo de um livro é precioso, como disse Llansol. *Muitos começos são preciosíssimos. Mas breve é o começo de um livro _____ mantém o começo prosseguindo.*⁶

Ah, como queria que meu livro estivesse sempre começando. Sempre dando vontade de ler o outro texto e o outro e o outro e o outro. Como querer estar em você. Como gostar de estar em casa. Eu gosto. Entrar curiosa pela sua porta, olhar o relógio na parede, andar pelo corredor espiando em cada porta, abrindo uma e outra e outra e outra. Esquecer das horas.

Andei conversando com algumas pessoas⁷. Bem vivas dessa vez. Pessoas com mais experiência que eu no fazimento de livros. Pessoas que pudessem me ajudar a acender a lâmpada sobre a cabeça e sobre você. Leram meus textos e meus sonhos. Eu, sempre na dúvida... São bons o bastante? São apenas loucura? Há forma pra eles? Aquela voz no pé do ouvido sempre dá um jeito de aparecer.

Entre tantas coisas, disseram da falta de estranheza no livro casa, se eu quiser mesmo escrever os incômodos junto aos cômodos... Nem te falei que se me perguntarem se é um romance ou um livro de contos, direi "*Não. É um livro de cômodos e incômodos*". Já com possibilidades até de títulos:

- A. (In) Cômodos
- B. Cômodos e Incômodos
- C. Cômodos e Cômodas
- D. Pode Entrar
- E. A Casa É Sua
- F. Casa Cômoda.

Qual você escolheria?

O mais votado foi a alternativa B. Mas ainda estou entre A, B e C. Cá entre nós, você é minha. No fim das contas eu mesma vou decidir.

Pensando nos incômodos, andei procurando suas durezas, rachaduras, lâmpadas queimadas, azulejos lascados. Os que só você tem. Talvez coloque tudo junto, num quartinho fechado. Quem quiser abrir, que abra.

Estou também cercada de sugestões sobre a materialidade do livro. A forma. O que vai suportar sua escrita?

Sabia que nem só de papel ela vive? Pode ser parede, chão... Sim, pode ficar orgulhosa... Massa, couro, tecido, retalho, pele, ar, coisa qualquer que traga as palavras. Que venha grafite, tinta, faca, dedo, fio. Coisa qualquer que traga a palavra.

⁶ LLANSOL, Maria Gabriela. O começo de um livro é precioso. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003 (B), p. 1.

⁷ Vilma Ribeiro, Aline Bei, Liliana Pardini, Carina Bacelar, Cintia Brasileiro, Guadalupe F. Presas, Helô Beraldo, Raquel Matsushita

Como vai ser? Planta baixa? Livro objeto? Livro imagem? Livro vídeo? Artesanal?

Textos grandes junto de textos pequenos? Textos soltos dariam o tom de visita? Fariam andar pela casa? Quais textos entrariam em você?

Decidi que quero versão papel, ainda que não seja a única. Qual papel? Que cor? Que espessura?

Construindo igual uma casa se constrói! Nascendo igual um corpo nasce!

Casa na planta é uma coisa. Depois cria corpo, ganha a forma de quem a habita. Ganha as memórias de quem dorme ali. Come. Grita.

Quando nascer terá vida própria. Colocada no mundo. Igual filho. A gente fica dizendo que cria para o mundo, mas na hora que começa a ir, quer segurar, quer que vá e fique ao mesmo tempo. Aprendo a criar o livro.

No momento, meus textos estão dormindo. Acordei só alguns pra te mostrar. Disseram que é bom deixar que descensem. Que fiquem bem quietinhos com folhas de hortelã, fiapos de lã, gravetos e flores. Poderia ser numa gaveta, caixa, debaixo da cama, no fundo do armário. O importante é que descensem. Os meus estão numa caixa. Andei mexendo demais com eles. Estão se desgastando. Cansados. Desde que os descobri não parei de querer acomodá-los em algum lugar. Agrupei em cômodos. Não necessariamente por caberem lá. Apenas para que eu os encontrasse com mais facilidade em você. Para saber qual porta abrir ou fechar. Mas eles são um tanto rebeldes. Mudam de lugar o tempo todo. Quando busco no banheiro estão debaixo do fogão. Se deixei na cama, estão correndo com as formigas no quintal. Acho que queriam mesmo estar todos juntos no quatinho de bagunça. Agora descansam. Quero só ver o que aconteceu quando eu abrir a caixa.

Canto de escrever, madrugada de 2022.

Querida Casa!

Hoje, quando acordei, pensei que preciso escrever mais. Selecionar mais. Acho que sonhei com a caixa de textos adormecidos me sacudindo. Eles me pediam pra sair. Ainda não.

Quanto mais escrevo mais perguntas aparecem. É assim mesmo?

Quando começo querendo colocar no papel o que acredito estar no pensamento, me afasto de escrever. Perco até o que pensava querer escrever. Andei falando com Flusser⁸. Concordamos que “o pensamento se torna real apenas depois de ser escrito. Antes disto é mera virtualidade”⁹. Como ele, sinto algo palpitando por dentro antes de escrever, mas essa tal palpitação é nada, se não for escrita. Fica só a vontade e a ilusão de que o pensamento vá para o papel, ou para qualquer outra superfície que esteja pra receber signos convencionais. Agora mesmo, eu aqui escrevendo pra você, achava que tinha tudo que queria dizer dentro da cabeça. Ilusão. Quando começo a colocar no papel é que as coisas vão tomando forma, vão aparecendo em tinta. Sim, estou escrevendo com caneta sobre a página de um caderno, e só depois vou digitar, me controlando para manter o que escrevi, sem mudar. Haja controle. Ou não. Sei que no momento que for digitar, se me deixar, vou escrever de novo. Começar de novo. E de novo, de novo, de novo, como sendo sempre a primeira vez.

Será isso que se diz dos começos? Esse é um começo. Poderia ter começado de qualquer outra forma.

Noemi Jaffe ¹⁰ escreveu “*Comece por onde quiser. Comece quantas vezes quiser.*” Diz tanto sobre escrever...

Posso, com facilidade, desviar da primeira intenção. Era apenas intenção. Agora é escrita. Agora é pensamento.

Já te falei que penso por escrito?

Sempre achei que penso por escrito. As ideias me surgem como palavras grafadas na mente. Elas me vêm prontas, colocadas lado a lado, como que bordadas na mente, como que sendo impressas, como se o avesso fosse escorrendo, escapando através delas, exalando fio a fio do que é. Quando estou mergulhada em meus devaneios, eles me veem como cartas, precisamente escritas, com palavras adequadamente escolhidas e de forma muito clara, que não deixariam dúvidas a quem as lesse, se as pudessem ler no pensamento. Mas, quando puxo os fios e dou forma pela narração ou

⁸ Vilém Flusser foi um filósofo Checo-brasileiro. Autodidata, durante a Segunda Guerra, fugindo do nazismo, mudou-se para o Brasil, estabelecendo-se em São Paulo, onde atuou por cerca de 20 anos como professor de filosofia, jornalista, conferencista e escritor. Nascido em 12 de maio de 1920 em Praga, Tchêquia e falecido em 27 de novembro de 1991 em Praga, Tchêquia.

⁹ FLUSSER, Vilém. Gestos. São Paulo: Annablume, 2014.p 107.

¹⁰ JAFFE, Noemi. Livro dos Começos. São Paulo: SESI- SP. 2018.

escrita já não são mais o que pareciam ser. Tomam a forma que querem. Tomam vida própria.¹¹

Aqui, agora, te escrevendo essa carta, a frase “*Tomam vida própria*” faz tanto sentido. O “*penso por escrito*” é tão real. Aconteceu no ato de escrever. No gesto da escrita. Escrevendo. Aqui, agora.

Lembrei aqui de mais uma coisa que Maria Gabriela me disse: “*Não há literatura. Quando se escreve só importa saber em que real se entra, e se há técnica adequada para abrir caminho a outros*”¹².

Quando a convenção do escrever começa a querer se intrometer nas palavras, elas se perdem. Viram alguma coisa que não é escrita. Não como eu quero que seja. Não como ela queria.

Se eu tiver que perder palavras que seja assim:

Palavras. Palavras pela manhã são frescas. Não quero abrir os olhos pra não perder o frescor. Levanto e tudo começa. Passo o dia perdendo palavras num ritmo alucinado. Rodopiam no molho da panela, escorrem em gotas pelo box, correm na minha frente pela calçada, escapam juntas grudadas nos ponteiros do relógio. Tarde, quase, noite. Perdi as palavras frescas. Amanhã elas voltam a se perder. (Palavras minhas se perdendo por aí)

Hoje passei a tarde com Maria Gabriela. A Llansol. Descobri que é bom estar com ela. De preferência apenas com os ouvidos. Faz imaginar a voz da avó que pouco lembro. Não me cobra nada. Apenas escreve. Apenas diz. Mas hoje estive a ler. O lugar 22 do Livro das Comunidades¹³. Aqui te conto de hoje. Da escrita que nasceu.

O corpo não passou ileso. Entre ouvir e transcrever, recolhendo roupas no varal dobrava um lençol. F e eu. Ele falou “vamos dobrar como fazia minha avó”. Deu um esticão. Minha avó recolhia uma a uma as peças e colocava sobre os ombros. Não consigo equilibrar tanto assim. F tem certo toque ao estender as peças. Por que não colocar fora de ordem? Pular o varal? Usar um só pregador? Talvez quando jovem eu não me permitisse estender desordenadamente. Agora posso.

Há dois limões gêmeos na árvore da vizinha. Já tinham me olhado pela manhã. Agora me chamam de novo. Amarelados gêmeos. Vão acabar sumindo como todos os outros. Nunca os

¹¹ RICCI, Cláudia Regina, “Entre Narrar e Escrever: Tecendo Narrativas acerca do narrar e escrever pelo Averso,” 2021 p. 20, *Plataforma de Pesquisa, A Casa Tombada*, <http://biblioteca.acasatombada.com.br/items/show/1770>.

¹² LLANSOL, Maria Gabriela. Um falcão no punho. 2. ed. Lisboa: Relógio D’Água, 1985.

¹³ LLANSOL, Maria Gabriela. O livro das comunidades. Lisboa: Relógio D’água, 1999. p.73.

vejo cair. Menos ainda serem colhidos. Agora menos ainda já que Rosa está só. A da roseira insiste em não cair. A parceira vermelha, rubra por demais, caiu pétala a pétala. A rosa rosa enrugada faz força e está firme no alto, só, solitária, sozinha, Minha avó era Rosa. Sozinha não. Está bem ao lado dos desiguais. Pétalas folhas, flores espinhos, sustentados no alto. E os antúrios? Ah os antúrios. Esses estão se alastrando, se multiplicando pelos vasos. Me arrancam um sorriso bom, mesmo que o dedo comece a doer pelo calo novo. Os dedos voltaram a ficar com sulco, o indicador e o anelar.

Ao começar esse caderno escolhi uma caneta boa. Gostosa, mas fina. Talvez isso esteja cansando os calos. E o riso permanece.

Ouçó mais uma vez a música que D ouvia cedo. Eu ouvia enquanto varria o chão do quarto, do lado do móvel da vó que guardava sapatos. Cheiro ardido. A vassoura batia nos pés, nas mãos, mas não lascava como o móvel da sala. Madeira boa. "Olha meu amor hoje o sol não apareceu." Sem sentido a letra. O sol já está bem alto. Só repetia e cantava e fazia bem. Como faz Llansol. Em algum lugar fala. Sensação boa. O dedo dói. Não quero parar. O pensamento começa a querer interferir. O inseto pousa querendo comer as palavras. As garras vão cortando as folhas e as palavras no vão do papel. Procuro por elas e elas não vêm. As palavras. Se não procurar, quem sabe, cheguem mais fácil. Fácil? Não busco facilidade. Busco fluidez, busco ritmo, palavras, palavras apenas. "Pai essa é a nossa música". E o gesto das mãos espalham as palavras ao vento.

Começo achando que sei o que vou dizer. E não. Num ímpeto, num impulso a escrita vai tomando forma, as palavras vão tomando forma. Sou tomada pela mão, pelo sol na janela, pelo martelo na obra do vizinho, pelo cão que late, pelo outro que responde, pela buzina do caminhão, pela voz da mulher que chama a criança, pelo barulho do teclado, pelo alguém que aparece, pelas impressões que tenho dele, pelo que me diz, quero controlar o que escrevo, mas inevitavelmente a escrita mesmo está ali. Me assombrando.

Escrever no assombro. Deixando-me assombrar pelo destinatário. Deixando-me assombrar pela foto, pela parede, pelo cheiro do pão. Escrever é deixar-se assombrar?

Quintal, brincando numa tarde de 2022.

Querida Casa!

Você já deve estar entediada com meus começos. Duvidando se sei do que vou falar. Eu também duvido. É que cada vez que sento pra te escrever, começo e vou pra outro lugar. Se escrevo em pé, também. A escrita vai me lembrando de coisas a dizer. Vai dizendo. Vai levando. E eu vou me rendendo.

Render-se à escrita. Talvez seja disso que o livro vá falar. Render-se àquilo que a casa vai me mostrando, me lembrando. Lembrando no instante que as palavras vão para o papel. A escrita lembra a casa. A casa lembra a escrita. A escrita lembra o corpo. Lembra que a casa é o corpo. Lembra que eu sou o corpo. Lembra que a casa sou eu e qualquer outro corpo que assim quiser.

Vou te mostrar um jogo. Uma brincadeira de copiar e trocar palavras.

Que da morada eterna, Jean Luc Nancy ¹⁴me perdoe, mas não pude deixar de mexer no que disse a respeito do corpo. Quando li suas palavras, imediatamente vi minhas próprias palavras falando sobre casa. Vi casa e corpo sendo um. Isso nos aproximou. Acho até que ele apreciaria meu movimento. Tomei a liberdade de me apropriar de algumas de suas frases trocando, sem pudor, “corpo” por “casa”. Se quiser encontrar o corpo correspondente deixo, no fim de cada afirmação, o número do indício origem. Atrevidamente alterei também um ou outro termo. Tomei o cuidado de deixar aparentes as mudanças. Pinteí como costumam fazer em suas paredes. Talvez você fizesse outras relações. Talvez fosse um tanto mais concreta. A brincadeira ficou assim:

“O corpo dá lugar à existência” (Jean Luc Nancy)

A casa dá lugar à existência (Cláudia Regina Ricci)

Onde ele diz “58 indícios sobre o corpo”¹⁵, eu digo 17 indícios sobre a casa.

1. A casa é material. É densa. Penetrável. Se não a penetram, fica desarticulada, furada, rasgada. (indício 1)
2. Uma casa não é vazia. Está cheia de outras casas, pedaços, órgãos, peças, tecidos, rótulos, anéis, caixas, gavetas, potes, armários, tubos, alavancas e foles. Também está cheia de si mesma. É tudo que é. (indício 3)
3. Uma casa é longa, larga, alta e profunda: tudo isso em tamanho maior ou menor. Uma casa se estende. Cada lado toca outras casas. Uma casa é corpulenta, grande, mesmo se for pequena. (indício 4)
4. A alma de uma casa é imaterial. É um desenho, um contorno, uma ideia. (indício 5)

¹⁴ Jean-Luc Nancy foi um filósofo francês. Sua primeira obra, *Le titre de la lettre*, publicada em 1973, é uma visão sobre o trabalho do psicanalista Jacques Lacan. Nascido em 26 de julho de 1940 em Bordéus, França e falecido em 23 de agosto de 2021 em Estrasburgo, França.

¹⁵ NANCY, Jean-Luc. “58 indices sur le corps”. (In: _____. *Corpus*. Ed. revista e aumentada. Paris: Métailié, 2006, p. 145-162). Versão escrita para a revista portuguesa *Revista de Comunicação e Linguagens*, n. 33, Lisboa, 2004.

5. A alma é a forma de uma casa desorganizada, digo eu. Mas a casa é justamente o que desenha essa forma. É a forma da forma, a forma da alma.(indício 6)
6. A alma se estende por toda parte através da casa, digo eu, está inteira por toda parte, ao longo dela, nela mesma, insinuada nela, deslizante, infiltrada, tentacular, insufladora, modeladora, onipresente.(indício 7)
7. A casa pode se tornar falante, pensante, sonhante, imaginante. Sente o tempo todo alguma coisa. Sente tudo que é de casa. (indício 12)
8. A casa é como um envelope: serve, então, para conter aquilo que depois deve ser desenvolvido. O desenvolvimento é interminável. A casa finita contém o infinito, que não é nem alma nem espírito, e sim o desenvolvimento da casa.(indício 15)
9. Diferentes, as casas são todas um tanto disformes. Uma casa perfeitamente formada é uma casa embaraçosa, indiscreta dentro do mundo das casas, inaceitável. É um esquema, não é uma casa.(indício 22)
10. Se o homem é feito à imagem de Deus, então Deus tem uma casa. Talvez até seja uma casa, ou a casa eminente dentre todas. A casa do pensamento das casas.(indício 25)
11. Uma casa, casas: não pode haver uma só casa, e a casa traz a diferença. São forças dispostas e estendidas umas contra as outras... Minha casa existe contra o revestimento de suas paredes, o vapor do ar que ela respira, o brilho das luzes ou o roçar das trevas.(indício 29)
12. Casa cósmica: palmo a palmo, minha casa toca tudo. Minhas nádegas na minha cadeira, meus dedos no teclado, cadeira e teclado na mesa, mesa no piso, piso nas fundações, fundações no magma central da terra e das placas tectônicas. Se parto do outro sentido, desde a atmosfera, chego às galáxias e, enfim, aos limites sem fronteiras do universo. Casa mística, substância universal e marionete engonçada por mil cordões.(indício 31)
13. “Esta é minha casa” = muda e constante asserção da minha mera presença. Implica uma distância: “esta”, eis aqui o que ponho diante de vocês. É “minha casa”. Duas questões imediatamente se envelopam: a quem remete esse “minha”? E se “minha” indica propriedade, de que natureza será esta? – “Quem” então é o proprietário e qual é a legitimidade da sua propriedade? Não existe resposta para “quem”, porque este é tanto a casa quanto o proprietário da casa, e nem para “propriedade”, porque esta é tanto de direito natural quanto de direito de trabalho e de conquista (uma vez que cultivo minha casa e cuido dela). “Minha casa” então remete à inatribuibilidade dos dois termos da expressão. (Quem lhe deu sua casa? Ninguém senão você mesmo, pois nenhum programa teria bastado para tanto, nem genético, nem demiúrgico, nem arquetônico. Mas, então, é você diante de si mesmo? E por que não? Não estou eu sempre nas minhas próprias costas, na véspera de chegar até “minha casa”?) (indício 33)
14. A casa guarda seu segredo, esse nada, esse espírito que não se aloja nela, mas está inteiramente espalhado, expandido, estendido através dela, tão bem que o segredo não tem nenhum esconderijo, nenhum

recinto íntimo onde um dia seja possível ir descobri-lo. A casa não guarda nada: guarda-se como segredo. (indício 41)

15. A casa é o inconsciente: os germes dos antepassados sequenciados em suas paredes, os sais minerais inseridos, os moluscos acariciados, os tocos de madeira rompidos e os vermes banqueteados- se em cadáver sob a terra ou, senão, a chama que a incinera e a cinza que daí se deduz e a resume em impalpável poeira, e as pessoas, as plantas e os animais que ela encontra e nos quais esbarra, as lendas de antigas babás, os monumentos desmoronados e cobertos de líquen, as enormes turbinas das usinas que lhe fabricam as ligas inauditas com as quais fará reformas.(indício 42)
16. A casa é nossa e nos é própria na exata medida em que não nos pertence e se subtrai à intimidade do nosso próprio ser, se é que este existe, coisa de que justamente a casa nos faz duvidar seriamente. Mas, nessa medida, que não admite nenhuma limitação, nossa casa não é apenas nossa, mas também nós, nós mesmos, até a morte, quer dizer, até sua morte e sua decomposição, seu desmoronamento, no qual nós poderemos ser e somos identicamente decompostos. (indício 45)
17. Casa indicial: tem alguém ali, tem alguém que se esconde, que mostra a ponta da orelha, algum ou alguma, alguma coisa ou algum signo, alguma causa ou algum efeito, tem ali algum modo de “ali”, de “lá”, bem perto, bastante longe... (indício 56)

Te deixo aqui com essas afirmações. Tão suas e não suas. Não minhas e tão minhas. Não se demore tentando entendê-las. Divirta-se!

Quartinho, final de uma tarde de 2022.

Querida Casa!

Você viu quem eu encontrei hoje? Cheguei e ele estava sentado no chão. Tinha tirado a caixa de fotos do armário e estava olhando. Das mais antigas para as mais recentes. Já estava tudo fora de ordem quando empurrei algumas para o lado e sentei. Passamos a tarde inteira juntos. Eu e Barthes.¹⁶

Ele me perguntou qual seria a sua foto que abriria meu livro. Faria um livro com fotos?

Procuramos juntos por uma que fizesse alguma relação entre as casas que habitam em mim. O que se constrói e desconstrói entre uma casa e outra? Entre a criança, a adolescente, a jovem, a adulta? Me contou que mantinha dois escritórios iguaizinhos em casas diferentes.

Ele gosta de fragmentos. Eu também. Pedacos da casa.

Me ofereceu o trecho de abertura de um de seus livros, o Roland Barthes por Roland Barthes.

...fragmentos...eis aqui para começar algumas imagens. Elas são a quota de prazer que o autor oferece a si mesmo ao terminar seu livro. Esse prazer é de fascinação e por isso mesmo bastante egoísta. Só retive as imagens que me deram sem que eu saiba porque. Essa ignorância é própria da fascinação e o que direi de cada uma dessas imagens será sempre imaginário¹⁷.

O que retrato nos meus fragmentos seriam minhas memórias egoístas? Apenas as que retive no imaginário? Aquelas que exercem fascínio sobre mim? Falamos das pernas que caminham na foto e que não pertencem mais àquela pessoa, que não existe mais. Reencontramos com as pernas idas.

Traz a escrita o que o olho não vê na foto? Aquilo que só o olho viu um dia? Ou ouviu? Ou não viu e ouviu?

Eu mostrei alguns textos do livro que escrevi a partir de fotos.

Vasculhamos a caixa e não encontramos a foto mais importante. Aquela que nem eu mesma sei dizer. Encontramos outras tantas. Como ele "*observei a menina e encontrei minha mãe*". Pediu que eu escrevesse... A foto.

¹⁶ Roland Barthes foi um escritor, sociólogo, crítico literário, semiólogo e filósofo francês. Nascido em 12 de novembro de 1915, Cherbourg-Octeville, França e falecido em 26 de março de 1980, Paris, França.

¹⁷ BARTHES, R. Roland Barthes por Roland Barthes. Tradução de L. Perrone Moisés. SP: Cultrix, 1975. p.9.



Você não veio mais brincar. Não lembro seu nome. Acho que foi um raio que caiu na minha cabeça e me fez esquecer. Será que foi o mesmo que caiu na sua? Você não devia estar usando sua boina naquele dia. Ouvi que o jipe do seu pai ficou torrado. E você também. Se estivesse de boina o raio não tinha caído na sua cabeça. Ou será que a boina teria ficado vermelha? Dia desses estava procurando a minha boina vermelha. Aquela que usava com o sapatinho vermelho. Bem que estava precisando dela pra proteger a minha cabeça dos raios que andam caindo por aqui. Será que ainda caberia na minha cabeça?

Eu tinha uma boina. Uma boina vermelha. Não lembro seu nome. Acho que foi o raio que caiu na minha cabeça e me fez esquecer. Será que foi o mesmo raio que caiu na sua?

Contou-me ainda sobre como o Japão lhe colocou em situação de escritura. Você, casa, me coloca em situação de escritura. Não preciso ter conhecido todas as casas, entrado em todos os quartos, mexido em todas as gavetas. Mexi em uma, mexi todas.

As horas passaram muito rápido e ele se foi. Como todos se vão cedo ou tarde.

Eu inteira, com todos os meus cômodos, aqui e agora!

Querido Corpo!

Não sei escrever. Sei acomodar e desacomodar suas palavras. Mesmo assim vou te fazer um convite. Pode entrar. Seja bem vindo. Sinta-se à vontade. Sou sua. Quero que me olhe e queira entrar, ainda que estranhe a ferrugem no portão. Não venha fazer entrega, visita de médico, nada disso. Venha com vontade, sem pressa. Meu tempo é todo seu, desde que não se importe com as paredes que estão desbotando. Te receberei na sala. As primeiras conversas serão casuais. Talvez falemos de coisas que parecerão dizer de você. Logo se sentirá em casa.

Na varanda que dá no quintal tomaremos um ar, sentiremos o sol, apreciaremos a paisagem, olhando meus ângulos externos. Cuidado com o piso em desnível. Pensaremos em como fui planejada e projetada. Talvez ainda no jardim olhemos para a minha planta, desenhada, desejada. Estou bem diferente de como me colocaram no papel.

Quando ventar iremos para a cozinha. Nem todos são convidados para sentar à minha mesa. Não escolha a cadeira ao lado da porta. A perna está quebrada. O vitrô também. Você vai ver o remendo. Vamos tomar café, saborear histórias, partilhar nacos de segredos. Aos poucos. As primeiras mordidas. Provadas como quem não quer nada. Gostará de uns sabores, de outros não. Ficaremos ali por horas a fio. E quem sabe o fio da prosa nos leve ao quarto de bordado e costura. Onde palavras outras estarão à espera. Outras formas de dizer. As texturas, as cores, os tecidos. A cumplicidade vai aumentar através do corpo, da pele, do não dito. Talvez chova. Desvie das goteiras.

Deixarei que entre sozinho no banheiro. Uma pausa para a sua intimidade. Suas necessidades. Que eu não te veja bisbilhotar os armários. Não se demore procurando os azulejos desencontrados. Se o chuveiro estiver quente, não escreva no espelho embaçado.

De saída verá uma porta. Fechada. Onde guardo segredos. Não entre. Seguindo pelo corredor chegará ao quarto de dormir. Já está na hora. Não espere ninguém mandar. Vem. À meia luz, devagar, tateando com os pés descalços, procurando chinelos, abrindo gavetas. Segure o grito ao bater o dedinho no pé da cama. Quando parar na frente da janela, abra a cortina. Deixe a claridade entrar pelas frestas da veneziana sem que a vizinha veja sua sombra. Acomode-se na cama. Ajeite o travesseiro e tire um cochilo. Ainda em estado de sonho, volte pelo corredor. Não adianta tentar entrar naquele quarto proibido. Ele guarda coisas guardadas demais. Empoeiradas. Coisas que precisam ser retiradas das caixas. A fechadura está emperrada. Não vai abrir. Esqueça.

Eu quase esqueço de dizer. Assim que chegar receberá uma vela acesa. Caminhe iluminando os cômodos, pedaços meus. Um a um. Use-a como se fossem olhos levando seu corpo por entre minhas paredes. Não se assuste se achar pedaços seus nas frestas e rachaduras. Pode ser que encontre passagens secretas que desconheço. Também não estranhe se abrir espaços vazios. Vem. Espero você. Será um prazer te receber. A Casa

Canteiro de obras, numa tarde de 2022.

Querida Casa!

Encorajada por sua resposta decidi que vou te mostrar o livro. Vou te mostrar parte do que tenho dele. Ainda está em processo, eu sei. Assim como uma casa em obras. Sei como é difícil pra você deixar que entrem quando as paredes estão subindo, no tijolo aparente, com vigas à mostra, terra e pedras pelo meio do caminho. Fica imaginando que não entenderão a pia do lado esquerdo, o buraco no canto da varanda, a tábua na frente da escada, a calha aparente . Meu livro ainda está em obra. É difícil deixar que entrem. Mas vou abrir pra você. Quando entrar vai ver que o piso não foi assentado, os interruptores estão sobre a mesa que apóia as latas de tinta e o cheiro é de cimento. Já escolhi as cores, mas ainda não sei com qual delas vou pintar cada cômodo. Vai ver que tem janelas bem abertas, para entrar o sol. Uma das portas está emperrada, difícil de ajustar o batente. Vai encontrar caixas cobertas por tecidos coloridos que protegem do pó e facilitam localizar a que guarda fotos, cadernos, bordados. Ainda procuro palavras nelas. Vai encontrar textos soltos que ainda não encontraram seu lugar. Palavras espalhadas que talvez apareçam em folhas soltas que o leitor poderá manusear na ordem que preferir. Haverá uma planta baixa desenhada. Talvez ela acomode pequenos textos, deixando espaços livres nos quais possam ser colocados quaisquer outros textos, conforme a vontade de quem estiver lendo. Em breve quero assentar o piso, rejuntar os azulejos, pendurar os quadros, colocar a cortina de crochê e ajeitar a almofada com botões sobre o sofá. Enquanto esse dia não chega deixo que entre na obra e dê uma espiada. Se quiser é claro. A escolha é sua.

Fique à vontade. Sinta-se em casa.

Cláudia Ricci

Carta à casa

<https://drive.google.com/file/d/1y4RX7ssnOXIDpYlh8hT6V8EcuwCD4Aqv/view?usp=drivesdk>

(IN)

CÔMODOS

Cláudia Ricci

Sala, um dia qualquer de 2021.

Querida Casa!

Inspirada por outros, quero hoje te fazer um elogio.

Vou chamar de “Elogio à Casa”.

Às casas que me habitam.

À casa que me habita.

Casa corpo

“Corp' a escrever”.

Casa a escrever.

Não a casa bela de móveis arrumados, sofá imaculado, mesa de centro com livros sobrepostos ao lado da obra, onde o sol bate certo na hora certa.

Casa onde miudezas acontecem.

Casa do chão da tarraxa do brinco, da agulha sumida no canto do sofá, da moeda cravada no taco de madeira, do joelho cravado pela moeda, dos móveis sobrepostos nas mudanças, das memórias sobrepostas, do cotovelo ralado no azul áspero, das mãos dadas penduradas entre uma cama e outra, da cortina vermelha ornando com o batom ao redor dos olhos, da salada lavada na pia, da conversa digerida na mesa, da biblioteca no fundo do armário (da qual Manguel se orgulharia), dos pelos encaracolados no chão do banheiro, da marca queimada na pia coberta de fiapos de barba, do interruptor esquerdo do lado direito, do estômago barulhento da geladeira, da folha seca brotando no vaso ao lado, do alicerce que ainda faz tremer a porta do guarda roupa quando passa caminhão.

Casa da pequenez.

Da escrita miúda, guardada nas paredes que escorrem goteiras.

Onde os pés alforriados caminham livres dos sapatos, em linhas de Deligny.

Onde camas acordam com sonhos grudados no teto.

Onde mãos doídas seguram linhas e cordas ao redor do pescoço.

Onde o fundo do armário guarda cura pra tudo.

Onde embaixo da escada mora o paraíso.

Onde cômodos abrem como as gavetas da cômoda.

Casa corpo que escuta, que respira, que lembra.

Casa cuja planta acomoda plantas.

Casa que escreve banalidades.

Casa querida!

Não consigo te resumir a uma só metragem. A um só tempo.

Ando por você procurando o que não sei.

Entro e saio de seus cômodos, esquecendo o que procurava.

Encontro coisas outras.

Troco a fechadura, reformo, abro uma janela pra ver o lado de lá.

Ando no escuro. Apalpando paredes, sentindo os degraus nas pontas das meias.

Mas para além do elogio, o que quero mesmo é te perguntar algumas coisas.

Posso sentar no primeiro degrau da escada?

Quarto, sala, banheiro, cozinha têm cor?

Têm cheiro?

Como o descascado de suas paredes gruda no corpo?

Como pulam das paredes ao papel?

Como viram letra?

Planta escreve?

Quero muito saber sobre o puxadinho. Ele é mesmo necessário? O que se esconde lá?

Se você fosse de palha ou madeira, te escreveria com nuvens?

E se seu teto fossem estrelas? Te escreveria?

Por enquanto, deixo essas perguntas na porta de entrada. Quem sabe a gente possa vasculhar debaixo desses escombros, até encontrarmos a porta de saída.

Você tem porta de saída?

Cômodos

O que acomodam cômodos?

In cômodos?

O que desacomodam os cômodos?

Acomodam os cômodos? E as cômodas?

1. Tum, tum, tum, Mariazinha, estou na primeira gaveta da cômoda.

Acordei devagar. O corpo lento desenha no ar coisas moles. Os cílios puxam as pálpebras pra baixo com força. O tronco levanta e cambaleia. As pernas descem da cama vagarosas. As letras de hoje são moles. As palavras pesam no ar.

2. Tum, tum, tum, Mariazinha, estou na segunda gaveta da cômoda.

Sentados no tapete verde da sala os dois erguiam paredes com pequenas peças coloridas. Apoiadas na tampa de fórmica que deveria cobrir a máquina de lavar roupas, as paredes separavam a sala dos quartos, contornavam o banheiro, a cozinha e ladeavam o corredor até o quintal. Os mini móveis enchiam os espaços. Os joelhos batiam na fórmica e abalavam as paredes. Pelas portas passavam a branca de neve amarela mãe, o motociclista cinza pai, sempre de pernas curvadas, a avó coelha vermelha, presente do açougueiro, e o avô gorila. Das crianças não lembro. Acho que ainda não sabia lembrar. Pra manter as paredes erguidas ele virou engenheiro. Eu uso palavras.

3. Tum, tum, tum, Mariazinha, estou na terceira gaveta da cômoda.

Tem um pequeno ser morando na minha geladeira. Faz festa de madrugada e não me convida. Deve ser item de fábrica. A geladeira da quitinete da praia também tem um morador. E é mais barulhento que o da minha cozinha.

4. Tum, tum, tum, Mariazinha, estou na quarta gaveta da cômoda.

A mulher no banheiro sentou no branco frio de porcelana. Ouviu o barulho vermelho cair. Perdeu o filho que morava na cabeça e no coração.

5. Tum, tum, tum, Mariazinha, estou na quinta gaveta da cômoda.

A cama me cutuca no meio da noite. Está escuro. O que ela quer? Empurra meu corpo de um lado pro outro. Empurra com força. Eu resisto. Ela aperta e tudo dói. Ela ganhou. Levanto.

6. Tum, tum, tum, Mariazinha, estou na sexta gaveta da cômoda.

Por que cachorros nos rondam, mesmo que nunca os tenhamos tão perto? Invejo quem os têm por fiéis companheiros e dizem que estou perdendo por essa ausência. Tive um certo dia. Uma certa hora. Ele me encontrou voltando pra casa depois da tarde de brincar na rua. Olhou pra mim de dentro da caixa de papelão e pediu que o levasse. Levei. Arrumei até uma coleira anti pulgas, mas nem assim minha mãe se convenceu. Nos despedimos e nunca senti por isso. Entre o cheiro do cão e o cheiro de alho, escolhi ficar com o das mãos da minha mãe antes do jantar.

7. Tum, tum, tum, Mariazinha, estou na sétima gaveta da cômoda.

Ganhamos a bicicleta do Papai Noel. Era modelo novo, dobrável e marrom, cor neutra que serviria aos dois. Ganhamos é modo de dizer. Ele ganhou. Nunca foi minha de verdade. Nunca fui dada às aventuras sobre rodas. O combinado era uma volta cada um no quarteirão. Desconfio que ele escapava por outras ruas e eu esperava sentada na guia para não cansar. Acabava cedendo a minha terceira e todas as demais voltas para ele. Naquela tarde, ele quis explorar melhor as partes do veículo. Tombou a bicicleta sobre o sofá e apoiou de forma que as rodas pudessem movimentar frouxas com velocidade. Ajeitou o dedo perto da correia e girou o pedal. Desse momento em diante o tempo acelerou mais que as rodas. O pai chegou do trabalho antes da hora e saiu com ele no colo segurando a toalha enrolada na mão. Deve ter descido a rua correndo até o pronto socorro da esquina onde hoje é drogaria. A mãe me deixou na porta com a vó e também desceu a rua acelerada. A vó andava devagar. As correntes do relógio na parede também andavam devagar. Tão devagar que meus olhos só se davam conta que tinham mexido quando o cuco aparecia uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete vezes. Entre uma saída e outra do cuco eu ouvia partes da conversa sobre as partes do dedo. Foi quando descobri que dedo tem tampa que não fecha se passar muito tempo da hora que destampou até a hora que costurar. Quando eu já não sabia mais contar as saídas do cuco ele voltou. Estava dormindo. Só acordou de manhã e não foi na escola. Também não foi andar de bicicleta.

8. Tum, tum, tum, Mariazinha, estou na oitava gaveta da cômoda.

Palavras flutuam sobre a minha cabeça. Entre a cabeça e o teto do quarto. Dançam em letras diferentes, tipos, tamanhos, espessuras. Não sei o que dizem. Estico o ouvido. Elas escorrem pelas paredes encharcadas do encanamento. Estico mais e elas rolam no paralelepípedo, descem a ladeira, sobem grudadas no poste e arrombam a janela. Enchem o cômodo e dançam. Sento de lado na cama, os pés afundam em mais palavras. Não quero pisá-las. Deixo que raspem o calcanhar e passem entre os dedos. Uma corre fria pela nuca. Encolho os ombros e tento segurar uma pelo cheiro. Ela escapa.

A

j

e

i

t

e

i

a escada de madeira apoiada na parede. Vai descascar a pintura. Está precisando de tinta nova mesmo. Subi o primeiro degrau e dei uma sacudida de leve pra ter certeza que estava firme. O tombo seria feio. Só pararia quando chegasse na sala de jantar, rolando os degraus que sobem para o quarto. Escada sobre escada. Talvez não fosse boa ideia, mas era a única pra alcançar o alçapão. Nome esquisito esse. Ainda fico tentando encontrar seu significado. Alça do pão? Para o sapo grande? Nada combina com porta no teto que abre o lugar onde se guarda tudo que não serve mais. Ou acham que não serve. Mas era bom que fosse lugar difícil de chegar. Assim as coisas ficavam esquecidas lá, maturando igual vinho bom. Adormecidas igual pétala dentro de livro. Esperando alguém um dia com coragem de vasculhar. Subi quatro degraus. Uma mão na escada, a outra empurrou com cuidado a porta que estava mais pra tampa que porta. Tinha só um encaixe na borda do teto que a sustentava. Era de vidro desenhado com folhas foscas. Por ela entrava luz que não sei se vinha do céu ou das coisas guardadas. Afastei a tampa de vidro para o lado arrastando pó que caiu nos meus olhos. Devia trabalhar como segurança, o pó. Pra fazer desistir de entrar. Apoiei as duas mãos no vão e joguei o corpo buraco acima. Força igual escalar borda de piscina. Entrei.

Logo, não vi nada. Aos poucos a claridade foi ajudando. Como um lugar tão pequeno pode guardar tanto? Sacolas, caixas, gavetas, armários, malas, bolsas, pacotes. Cabe ali uma casa inteira. Uma não. Casas inteiras. Casas pela metade. Casas escondidas. Casas sonhadas. Casas desejadas. Casas rabiscadas. Casas esquecidas. Casas que falam em mim. Escrevem por mim.

Coloquei-me a buscar o que move minha escrita,

o que me move para a escrita.

Revirei cadernos, folhas, sonhos, vontades. Visitei minhas casas, arranhei o cotovelo na parede áspera e azul, subi 29 degraus de mármore, desci escadas de madeira com cuidado para não acordarem de madrugada, desviei das frestas do assoalho de tacos, senti o cheiro da terra úmida no chão do banheiro nunca reformado, rodopiei na enceradeira pela sala, apertei a mão do irmão na cama do lado, gelei as pernas no piso vermelho da cozinha, tapei os ouvidos na hora que a bola bateu na trave da veneziana da sala, escutei o gemido da nona no quarto, folheei revistas de fotonovelas, cantarolei a canção do filme do Elvis, vi as letras redondas no caderno da Nádia Therezinha, raspei a unha no tijolo desenhando amarelinha na calçada, bati cara no tronco do chorão, gritei “lá vou eu”, pedalei de tico -tico até o posto de gasolina recém inaugurado, limpei o joelho ralado e recolhi a caixa de morangos na rua da feira, bati o guarda-chuva na cabeça do menino de cara feia na fila da escola, saí sorrindo da mesa da professora ao ouvir que sou “ farinha de outro saco”, tampei o nariz pra não sentir o cheiro da permanente no cabelo, despejei as conchas fedidas do baldinho de praia, tirei da gaveta a camiseta com pó da madeira, escondi o diário de capa jeans, comi o pedaço de bolo da tia Chica no fim da missa, ajeitei o chapéu de feltro do tio Jacó, separei botões aos pés da mãe na máquina, furei o dedo na agulha, torci o nariz para o feijão esmagado no prato do pai, alcancei o trinco da geladeira, cheirei leite de rosas no braço da vó, comi biju sentada na guia, esmaguei a moeda de chocolate, toquei moscas com pano de prato no corredor escuro, cheirei o vidro de perfume...

...“Rastro”.

Unhas insistem em crescer após a morte? Querem contar histórias? Arranham memórias na ânsia de contar histórias?

Desde que me lembro corto unhas. No início cortava as minhas com os dentes. Mãos e pés. Era muito repreendida. Acho que porque cortava junto as peles, até sangrar. Aprendi a me controlar, mas continuava fascinada pelas unhas. Ajoelhada na cadeira da cozinha esperava D. Maria finalizar as da minha mãe e sabia que sobraria um pouquinho de esmalte sobre as minhas. Bem pouco para unhas tão pequenas. D. Maria chegava, benzina o quebrante pingando óleo no prato de água sobre a pia, falava, falava, falava muito. Tanto que ia e vinha no meu olhar, quase um sonho. Todas as suas frases terminavam com “Né, Zumira?”. Sob suas mãos a toalha manchada. Limpava e sujava seu palito ali no meio das cores. O barulho da aliança batendo no vidro que rodava entre seus dedos indicava que estava quase na minha hora. Ficava admirando a caixa plástica transparente, recheada de vidros e mais vidros de esmaltes, mas na minha vez era sempre o mesmo que acabava nas pequenas mãos. O rosinha. Nunca gostei de rosa. Coleciono esmaltes. Nenhum rosa. Eles exercem fascínio em mim. Acho que por causa do ritual da D. Maria. É mania. Mania barata e inofensiva. O único mal que provocam é a falta de espaço nas caixas e a data de validade, tão miúda que confundem meus olhos. Vencem antes de serem usados. No aniversário de dois anos da minha filha usei pela primeira vez um vermelho. Ainda bem que a nona não viu, jamais aprovaria. Minha mãe nunca usou. A tia, que ensinava a esperar o marido com os chinelos e um sorriso, também nunca usou. Ensinei minha filha a fazer as próprias unhas. Não gostamos que outros lhes dêem formas e cores. Cortamos, lixamos, pintamos. Também Iniciei nos cortes os sobrinhos, desde bebês. Nunca com cortadores. Gosto das tesouras pequenas que vão moldando aos poucos, com paciência e cuidado. Importante para quando as mãos de minha mãe já estavam trêmulas e as unhas cresciam mais rápido do que ela conseguia acompanhar. E providenciais para as do meu pai que foram bem aparadas até o final. Unhas contam sim histórias. Arranham memórias.

A menina acorda com a colher girando no copo, uma, duas, três vezes. Sempre três vezes. Levanta da cama e espia a regata branca do tio cochilando no banco da cozinha. O galo está cantando. Ele tinha que estar saindo, mas pela cara franzida da avó, está chegando. Volta pra cama e adormece com a colher, um, dois, três...

Sempre que digo guarda chuva penso travesseiro

Preciso parar de buscar o guarda chuva na cama

Perdido

Num sonho

Numa gaveta errada da memória

As letras se confundem na boca

Esbarram na língua

Chove saliva

Onde está o travesseiro?

Sentada na cama olho para a janela e vejo meu lugar de escrevinhar. A cortina de renda branca balança com o vento e fica presa no encosto da cadeira. O assento de pano vermelho e laranja tem flores de contorno macio marrom escuro. Escuro como a mesa de madeira herança do avô. Foi restaurada e acrescentaram uma prateleira abaixo das duas gavetas para acomodar a impressora. Coisas da modernidade. A menina da praia no quadro quase cai nas palavras de Galeano que bordei “...me ajuda a olhar”. Sobre a mesa cinco livros esperam meus dedos em suas folhas. Empilhadas, cada cor de caderno guarda um tipo de escritura. O pote de madeira tem lápis e canetas de ponta fina. Um lápis está com a ponta quebrada. Vou apontar com a gilete embrulhada no papel de seda amarelado. Gosto das marcas da gilete. O porta retrato reúne marido e filhos. Na gaveta esquerda está o dicionário, a Bíblia, um bloco de folhas arrancadas de caderno presas por um clipe e farelos verdes de borracha. Na direita algumas fotos. Sempre quis ali um vaso de flores, mas dizem não ser bom flores no quarto de dormir. Sento na cadeira. Atrás de mim um grande espelho. Acho que ele fica sondando minhas ideias. Quando me viro ele disfarça rapidamente e reflete outra cena. A pilha de roupas espera ser guardada. A cortina não balança. O vidro fechado mantém a brisa lá fora junto da voz do vizinho que derrama sua sabedoria pelo portão. Olho pela janela e cruzo o olhar com Romeu. Pobre Romeu. Parece não suportar mais seu dono repetindo “desce” a manhã toda. Por muito tempo pensei ouvir “Jessie”, mas ouvindo bem não se trata de um casal canino. Só Romeu. “Desce, Romeu”. Através do espelho não há mesa... O avô não escrevia, logo, mesa não tinha. As gavetas são da cômoda. A da direita guarda colares, anéis e brincos. A da esquerda acumula documentos em cadernetas de despachante. A pilha de cadernos não tem cores ordenadas. Neles procuro a aula ao lado do texto ouvido, gostado e anotado. Encontro peras, cenouras e cebolas embaixo da árvore da família. A lista de pedidos da cliente se espreme no mesmo canto das contas do mês. O lembrete da festa de domingo, atravessado pelo número de telefone, quase entra no conto que espera ser narrado. Um pequeno estojo amarelo com zíper guarda canetas. Nunca se sabe quando vamos precisar delas. Olho de novo. Não há lugar de escritura. Gostaria que houvesse. Escrevo no não lugar.

Sentada no banheiro, plantada no vaso, ela separa filés de peixe e tira, um a um, da bandeja que tem no colo. Levanta e nota que jogou os filés no cesto de lixo. Bom que está vazio. Tira os filés. Vê que um deles boia na privada. A água está transparente. Bom que está limpa. Tira o filé da água. Equilibra todos nas mãos e leva para a cozinha. Lava um a um na água que corre da torneira. O que boiava estava mais escuro. Pensa em não usá-lo para o almoço. Mas são poucos. Pensa completar com outra bandeja que está na beira da pia. Quase caindo. Sob a água da torneira muitos filés flutuam. Contra o fluxo da água. A mãe aparece e os coloca no refratário. São poucos. Pega os flutuantes. O mais escuro está lá. Resolve usá-lo. Coloca azeite demais na frigideira. Entorna o líquido viscoso da frigideira para o vidro. A embalagem está com defeito. A tampa não obedece. Ela também não obedece. A mãe usaria muito azeite. O peixe que pulou na privada tentava não morrer. A mãe também.

Quando a mãe morreu foi minha a tarefa de colocar ordem na casa. Fui rápida nos afazeres e logo estava no meio daquele patrimônio sem fim. Sacolas. Se alguém guardava sacolas era ela. Num tempo sem preocupação com o sustentável, elas se multiplicavam dentro do armário. E fora também. Apertavam-se nas gavetas e prateleiras do guarda roupas, que bem poderia chamar guarda sacolas. Era sacola dentro de sacola. Pequena dentro da grande, maior amassada dentro das miúdas, rasgadas dentro das inteiras, amarelada dentro da branca, a do mercadinho dentro da rosa de feira. Tinha também um ou outro saco preto de lixo onde cabiam muitas sacolas. Ficavam amarradas com um nó apertado que ela rasgava para abrir e acabava procurando outra para acomodar melhor o que guardavam. Cheguei a pensar que importavam mais as sacolas do que o que escondiam. Sempre soube da existência delas e convivia bem com isso desde que a porta do móvel estivesse fechada. Algumas vezes eu mesma, contrariando o “você não vai achar”, fuçava uma ou duas, mas acabava que não achava mesmo. Agora ela não mais insistiria em procurar pra mim. Comecei tirando uma por vez. Acabei sentada no chão espremendo as pernas para caber entre tantas. Quase cantei “uni duni tê” para começar. O que fazer com o que estava dentro? Sem dúvida nenhuma, colocar em novas sacolas, desta vez setorizadas por meus próprios critérios. Cortes de tecidos lisos em uma, estampados em outra. Os que um dia talvez use pra vestir bonecas aqui, retalhos estampados para doar ali, rendas enroladinhas junto com fitas de cetim, zíper grande com zíper pequeno. E os elásticos? Esses precisariam de duas ou três sacolas novas. O mais difícil mesmo foi realocar as calças e camisas descosturadas. Continuam esperando a reforma que nunca chegou.

Testamento

Eu, em perfeito juízo e sem coação, expresso aqui minha última vontade.

Para a neta o crepe floral. Tem duas alturas para o vestido e ainda sobra. Não perca nada.

Para o marido o tergal marrom. Arrume alguém pra desamarrotar.

Para a filha a renda branca que sobrou do vestido do casamento. Mande tingir sem medo.

Para a nora a seda do Japão. Use com cuidado, escorrega e é gelada.

Para o filho o percal azul. Rende lençóis e fronhas. Pode doar.

Para o neto a malha de helanca. Dá pra fazer uma bela bola.

Encontrarão tudo embaixo da cama. Na caixa que a vassoura não mexia do lugar. Aquela que eu pegava quando ninguém via. Tirava um a um, abria sobre o lençol, traçava seus destinos, dobrava cuidadosamente e devolvia na caixa. Os que ganhei da vó só tem uma altura. Ela não gastava muito. Os que comprei tem duas.

Nada mais tendo a lavrar dou por encerrado o presente testamento.

A menina apressa o passo. As folhas secas correm atrás dela. O medo empurrou os pés que não obedeceram a vontade da menina. Ele empurrou com mais força o corpo do que os pés...

Estou mergulhada até o pescoço. Me alivia do sol. A pequena joana boia na superfície mais azul do que seria natural. Penso que posso salvá-la. Salvá-la da água fria, do cloro, da falta de ar, salvá-la do longe verde, dos longe seus. Mergulhei minha mão por baixo dela. Não senti quando correu na pele enrugada. A mão se moldando aos passos. A criança logo a quis. As mãos se encostam e a pequena joana passa de uma a outra. Uma asa levanta e apenas uma. Outra vez a asa se move e a mesma apenas. A criança conclui que precisa salvá-la, curá-la da quebra de asa e lhe devolver a liberdade. Põe-se num pensamento aflito de como? Nem mesmo saiu da aflição e a pequena joana voou. Se salvou.

Antúrios. Ah, os Antúrios. Cientificamente chamados de *Anthurium* e catalogados dentro da família das *Araceae*. Existem no mundo nada mais, nada menos do que 600 espécies diferentes, mas só uma na minha lembrança mais antiga. A grande veneziana verde da sala dava na varanda com chão de caquinhos vermelhos tão brilhantes quanto as flores dos antúrios, que hoje sei, nem flores são. Com certeza quem encerava o chão aproveitava e passava um paninho na planta também. Pra mim, “antúlio”. Palavra difícil na boca de criança, mas menos que “inflorescência”. A ideia da flor que não é flor, artimanha da natureza querendo atrair a atenção dos insetos para a flor de verdade, bem na pontinha da diminuída espiga de milho, acaba sendo mais difícil que a palavra. Dois vasos bem grandes, ou eu que era bem pequena. Precisava andar com cuidado para que não me caíssem na cabeça. Quando o varal estava cheio de roupas a tal da inflorescência não só se escondia dos insetos, mas também dos meus olhos. Sabia que estava lá, igualzinha à espada daquele filme que a mãe gostava. O tal “Scaramouche”. Outra palavra difícil. Estava lá, bem vermelha e brilhante, mas a minha cabeça e a dos insetos esbarravam na ponta do lençol, passavam por um, passavam por outro e chegavam na parede. Nada de flores. Ali no canto tinha um buraco daqueles de rato. Mas não era de rato. Era de formiga. O caquinho que ficava na porta do rato que não era rato tinha marcado o número 50. Com certeza indicava o endereço da casa das formigas. Quando a avó recolhia as roupas do varal eu e elas, as formigas, enxergávamos outra vez a flor que não é flor. Parecia um coração vermelho que enchia a barriga das formigas e queimava a boca da criança, como os amores mais ardentes. Antúrios. Ah, meus antúrios.

Ela deitou e começou. Sabia que ia começar. Começava todo dia. O zumbido. Grave. Seria doença séria? Se fosse já teria sabido. Notícia ruim chega logo. Vinha de fora. Embora algumas vezes buscasse por dentro aquilo. Imaginava que ninguém mais ouvia. Afinal se alguém estivesse incomodado já teria feito reclamação expressa, solicitado advertência ao síndico. Por escrito, pra ser coisa séria. Já tinha perguntado mais de uma vez ao porteiro e ele nunca sabia do que estava falando. Perguntava ao porteiro do dia. Pensava em levantar durante o acontecimento e perguntar diretamente para o da noite, mas acabava desistindo. Descer no meio da madrugada de pijama não estava nos seus planos. Nem sabia se o elevador funcionava 24 horas. Ficava então ali. O zumbido. Vinha de fora. Era interrompido ritmadamente pelo que parecia um solavanco. Não chegava a ser um estrondo, mas no oco da madrugada, o primeiro a chegar parecia sim um estrondo. No segundo voltava a solavanco. Tão ritmado que se antecipava dentro da cabeça. Sabia o que vinha antes de ouvir. Adquiria uma cadência peculiar. Zumbido, pensamento, solavanco, zumbido, pensamento, solavanco, zumbido, pensamento, solavanco. Antes de deitar se ajustava de forma que o melhor ouvido ficasse fora do travesseiro. Não queria perder nada. Toda noite pensava ser a última. Ia descobrir o que era e acabar com aquilo.

Logo ela que adorava o silêncio. Precisava dele. Sentia sua falta. Se entendiam tão bem. Ela e o silêncio. Eram parceiros. Gostavam de respirar e olhar pra nada juntos. Ficava irritada quando queriam lhes acompanhar. No carro a primeira coisa que fazia era desligar o rádio. Condição primeira antes mesmo de virar a chave no contato. Sabia que encontraria barulho no trajeto, mas ali dentro eram só os dois. Mais privacidade dentro de um meio de transporte do que em sua própria cama. Zumbido, pensamento, solavanco, zumbido, pensamento, solavanco. Saudades do silêncio. Se fosse surda dormiria com ele. Seu silêncio. Ou não. Sentir o coração é ouvir? Respirar é ouvir? Gases borbulhando é ouvir? Zumbido, pensamento, solavanco, zumbido, pensamento, solavanco, zumbido, pensamento, solavanco. Passou o dia elaborando um plano. Tipo de filmes de investigação. No primeiro acorde levantaria num pulo, alcançaria o interruptor e ficaria apertando acendendo e apagando a luz. Tipo balada. No susto, o causador do transtorno introduziria um som estranho ao já conhecido, talvez um arrastar de pé, e assim desvendaria o mistério. Zumbido, pensamento, solavanco, arrasta pé, zumbido, pensamento, solavanco, arrasta pé, zumbido, pensamento, solavanco, arrasta pé. Não. Melhor não. Acabaria dançando a noite toda no ritmo. Ajeitou-se na cama. O ouvido ruim já estava quente. Devia estar vermelho de tanta pressão. Ou alguém estaria falando dela? A avó dizia que se a orelha direita ficasse vermelha falavam bem, se a esquerda, falavam mal. Por que não o contrário? Zumbido, pensamento, solavanco, zumbido, pensamento, solavanco, zumbido, pensamento, solavanco. A mãe sofria de zumbido. Não sofre mais. De nada. O médico falou que era normal da idade, que acabava se acostumando. Nunca reclamou de ritmo na madrugada. Não sofriam do mesmo mal. Zumbido,

pensamento, solavanco, zumbido, pensamento, solavanco, zumbido, pensamento, solavanco . Esse vinha de fora. Não era fabricado no seu corpo. A não ser o pensamento entre o zumbido e o solavanco. Esse reconhecia e assumia como seu. Levantou e acendeu uma ideia. daquelas que abrem o céu, tocam trombetas, despejam confetes. Foi olhando para o teto que ela veio. Viu que do ventilador pendiam algumas teias que se emendavam de uma pá até a outra. Nada de aranhas. Era puro pó. Estava parado há muito tempo. Nunca gostou de vento na cabeça. Mas a ideia era perfeita. Usaria o cobertor amarelo para proteger a cabeça do vento e do pó. As hélices girariam, girariam, e seu barulho cobriria o zumbido, solavanco. Pensamento não haveria mais. Encontraria o silêncio. No barulho útil. Acordou com a claridade e o calor que lhe tiraram o cobertor da cabeça. O nariz fungava. Esfregou os olhos. Vou mandar consertar esse ventilador. Faz muito barulho.

Ela olha para a cadeira. Custa a enxergar a essência do móvel. A princípio, fabricada para acolher o descanso de uma pessoa. Talvez duas se uma tiver colo que acolha. Peça que poderia muito bem ser decorativa compondo um visual harmônico de fazer sorrir os olhos. Essa, em especial, foi da avó. Ficava ao lado do porta paletó, no quarto de dormir. O avô gostava de se acomodar nela para calçar os sapatos. Peça única. Madeira escura com braços de apoio. O assento foi reformado, mas manteve o aspecto hoje Vintage.

Inaceitável a cena. Ela olha para a cadeira e vê apenas as peças amontoadas. Empilhadas esperando. Escondem o acento da cadeira. Os braços também. Esperam. Sua avó nunca deixou que esperassem. Nem mesmo que se acomodassem ali. Logo que as resgatava do varal, colocando uma a uma sobre o ombro, se posicionava diante da mesa da sala onde um cobertor dobrado acolhia o lençol já nem tão branco. A pesada peça de ferro a aguardava fervendo. A base quase vermelha de tão quente. Ao lado, um copo de água. Não era de beber. Mergulhava nele os dedos e respingava sobre as roupas antes de prensar com o ferro. Com cuidado. O corpo sabia exatamente quanto peso concentrar nas mãos para não amarelar o tecido. O som da água sofrendo com o calor da prensa indicava se estava na medida certa. O exercício diário lhe conferia braços firmes. Poderia acenar para qualquer pessoa que encontrasse na rua, mesmo vestindo blusa sem mangas.

A sua pilha espera sobre a cadeira. Já perdeu a conta dos dias que estão ali. Alguém as recolheu do varal. Esperam. Sabem que não serão submetidas ao calor do ferro. Não mais. Talvez uma ou outra, mas isso caberá a quem for usar. Ela aceitou que vai apenas dobrá-las. Em algum momento do dia entre uma coisa ou outra por fazer, quando tiver vontade de liberar o assento da cadeira. Vai dobrar uma a uma e separar por usuário. Terminada a pilha, vai sentar e ler mais um capítulo do livro que a espera ao lado da xícara de chá. A avó aprovaria isso.

Sentada sobre os joelhos apoiava os cotovelos na mesa e a cabeça entre as mãos. Debaixo dos olhos a mistura dançava na xícara. Conhecia bem aquele cheiro. Todas as manhãs afogava nele os miolos de pão que se acumulavam ao lado do pires. Café com leite. Quem inventou essa gostosura? Ficava imaginando que um dia alguém não reparou que já tinha leite no fundo do copo e verteu ali um gole de café. Gostava de chegar antes que a mãe preparasse o seu. Ficava olhando o branco subir até meia xícara e o fio do café tingindo devagar. Buscava algum desenho. Tinha que ser rápida pois a imagem só durava um instante. Logo tudo se fundia. Não encontrava cor igual nem na caixa de 36. Queria ter aquela cor pra pintar o rosto de seus desenhos. Mas não era cor. Parecia sujeira. Quando a mãe saía de perto começava a caça aos miolos. O primeiro era fácil. Não gostava de demorar pra fisgar o segundo porque sabia que estaria mole demais e escorreria pela colher. No terceiro já tinha virado mingau. Comia de uma vez e bebia o restinho. Procurava no fundo da xícara. Tinha que ter algum segredo ali. Por que as meninas lhe chamavam de café com leite na hora de brincar? Ia descobrir. Por que ficava com as mãos na cintura, feito xícara, balançando de um lado para o outro sem tirar os pés do chão enquanto elas davam piruetas? Tentou dizer que sabia alternar os pés no ritmo da música, mas elas não ouviram. Com voz mole diziam que ela era a mais linda, ficaria mais atrás e que não saísse do lugar. Ela podia mais que isso. Mas ninguém sabia. Dentro da xícara tem que ter alguma coisa escondida. Por que café com leite?

Ele nunca ligou para despedidas

Nem chegadas

Continuava inabalável, afundado na sua forma já impressa no sofá quem quer chegasse ou partisse

Os olhos mantinha na TV qualquer fosse a conversa ao redor

Não sei se realmente mergulhava nas imagens ou fingia só pra ouvir isento as conversas alheias

Que às vezes nem eram alheias, mas ele fazia que fossem

Amassava feijão, e pimenta. Pepino no prato do lado imerso no azeite

Fui almoçar baião de dois

Disse que ele ia gostar

Perguntou se eu era capaz de lhe dar comida na boca

Via fumaça saindo do relógio, da cabeça da enfermeira

A cortina fechava e sabia que um corpo ia passar

Eu estava lá e fechou

Ele dormia e não viu

Ou fingiu que não viu

Sonhei com ele

Disse que estava tudo bem

Eu não estava lá

Ele pedia que fosse embora

Queria estar só

Ou fingia que queria

Foi assim

Queria dormir

Só

E dormiu Só

Acendi a lâmpada do abajur. As crianças não querem ficar no escuro.

Dormiram.

Vou me cobrir. Está frio. Aí onde está faz frio?

Você não sente. Bom. E se nevar? Aqui não neva.

Você não sabe o que é frio na neve. Sabe?

Seu travesseiro está gelado. Ajeitei seu pijama sobre ele Continua gelado.

Está úmido o meu. Quente e úmido. Lágrima quente.

A chuva não está quente. Você sente? Se escorrer no seu rosto vai lembrar do gosto.
Não tem. Lágrima tem.

Consegue cheirar a terra molhada? Cheiro seu travesseiro. Dizem que se
perdeu.

Eu insisto. Sinto. Sonho eu sinto.

Sonho. Penso em não abrir os olhos e não respirar para que as imagens não fujam. Fico bem quieta com a cabeça embaixo da coberta. Imóvel. Elas querem ir. Peço que fiquem só mais um pouco pois preciso anotá-las. Não querem ser notadas. Se distraem e rapidamente jogam palavras no papel.

ATENÇÃO

EM OBRA

P. S.¹⁸ OU CONCLUSÃO

De volta à porta de entrada, um final de tarde de 2022.

Querida casa!

Reli hoje as perguntas que fiz no início desse trabalho. Quando me propus a contar sobre a escrita de um livro, sobre o gesto de escrever um livro, quis que fosse através de outro gesto. O de escrever cartas.

Não quis prever as variáveis que cercariam esses gestos. Deixei que ela me levasse a pensar.

Ao me colocar à disposição da escrita, deixei-me seduzir por ela. As cartas foram contando sobre o livro, enquanto ele está sendo construído, trazendo os caminhos que o corpo percorreu na escrita e disseram a respeito das ideias que vem acompanhando o processo da escrita.

A casa destinatária e o corpo são um só, pensando enquanto escreve. São o mesmo que escreveu os textos do livro e as cartas que pensam sua construção. O mesmo que recolheu memórias, lembranças, sensações e trouxe em palavras. O mesmo que se descobriu um enquanto escrevia.

A escrita contando sobre escrever enquanto escreve.

Quando comecei a pós-graduação Gestos de Escrita como prática de Risco não sabia o que seria. Não programei nada. Só comecei. Não sabia. Escrever.

Quando comecei a escrever esse trabalho de conclusão de curso não sabia o que seria. Não pensei antes. Não programei nada. Só comecei. Não sabia. Escrever.

Quando comecei a escrever as cartas não sabia o que seria. Não pensei antes. Não programei nada. Só comecei. Não sabia. Escrever.

Quando comecei a escrever os textos que recolhi pela casa não sabia o que seria. Não pensei antes. Não programei nada. Só comecei. Não sabia. Escrever.

Quando comecei a escrever o livro não sabia o que seria. Não pensei antes. Não programei nada. Só comecei. Não sabia. Escrever.

Não saber o que escrever já é escrever?

Continuo escrevendo.

A Escrita vai me dizer.

¹⁸ **P.S.** é a sigla em latim para post scriptum e que significa "escrito depois", na tradução para a língua portuguesa. Normalmente, esta sigla é usada no fim de algumas cartas, com o intuito de adicionar informações que tenham sido esquecidas de serem mencionadas no corpo do texto.

ANEXO AGRADECIMENTO 1

Casa Tombada¹⁹, 14 de setembro de 2020.

Querido Bando!

Foi nesse dia que um grupo de pessoas, matriculadas no curso de pós-graduação “Gestos de Escrita como Prática de Risco” se olhou pela primeira vez. Pelas janelas, virtuais. Pelos cabelos, pelas sobrancelhas, pelos contornos... Pela Escrita. Quem imaginaria que acabaríamos nos reconhecendo pelas palavras? Trago aqui um pedaço de cada um. Pedaços recolhidos logo no início do curso, mas que ainda me fazem ver vocês.

Sobrevoei o canteiro de obras. Lá do alto avistei espaços definidos. Quadrados e retângulos de terra batida e seca. Apertei a vista. Já não vejo limites tão bem marcados. Algumas estacas despontam. Algo se move. Resolvi descer alguns metros e olhar mais de perto. Vejo cores e panos que boiam no ar. Ou seriam folhas? Folhas de papel? Cadernos se desfazendo? Fios coloridos atravessam de um lado a outro. Alguns enroscam nas estacas e continuam atravessando prá lá e prá cá, formando uma cama de gato. Desço mais um pouco querendo brincar de perto. E perto vejo um parto acontecendo. Ou seriam muitos partos? Terras parindo? Um reflexo de lua ilumina alguém cambaleando numa pinguela estreita. Acho que sou eu. Mas eu estou aqui. Ainda vejo de cima réguas de madeira sobre uma mesa de costura e trilhas de formigas gigantes. Um trem passa voando por mim e a ventania leva pelos ares avós unidos pelas canelas, mãos benzedeiras e ossos. Uma joaninha bordada em linha vermelha esbarra no meu rosto molhado e despenco. Parece não ter fim. Enquanto caio sinto um cheiro forte de pão saído do forno. Vozes entoam o ofício da Imaculada entre uma tecla e outra da máquina de escrever. Tento segurar em assoalhos de madeira, mas a cera escorrega de minhas mãos. Me agarro na ponta de uma linha que desenrola e acelera minha queda até o fundo de um poço escuro. Caminho no vazio e colho o silêncio negro das jabuticabas que gostam de água. Num ritual vagaroso de descongelamento meu corpo ascende em versos que correm paralelos. Ou seriam versos paralelos que correm? Toca o primeiro sinal. Recolho cadernos e diários. O que a letra da minha mãe faz neles? Passa apressado um homem de sorriso leve. Escapando de sua bolsa pesada consigo ler “Feliz Natal Sr. Carteiro” num envelope com a letra das receitas da minha avó. Toca o segundo sinal. Com pés na terra úmida já não sei o que sou eu ou outro. Mordo palavras de barro, mas é o gosto dos morangos que sinto. Toca o terceiro sinal. A criança querida senta na linha e começa o espetáculo.

Cláudia Ricci

¹⁹ A Casa Tombada. Lugar de Arte, Cultura e Educação. <https://acasatombada.com.br/>

ANEXO AGRADECIMENTO 2

Núcleo Escrita de Si como Lugar/ Paisagem, ²⁰ 11 de Dezembro de 2021.

Queridas companheiras de escrita!

Quando denominamos que falaríamos SOBRE CARTAS E MORADAS éramos sete. Sete mulheres que se encontraram por proximidade na escrita e se descobriram próximas no silêncio. Começamos a partilhar cartas.

Alguns meses depois, precisamente no dia 12 de março de 2022, mais três mulheres se juntaram às sete primeiras e descobrimos que dez pode ser um número bom. Continuamos a partilhar cartas.

Passamos a nos chamar **Núcleo Escrita de Si**.

O lugar e a paisagem deram espaço aos corpos que encontraram no abraço.

E quando nem todas puderam estar, a escrita continuou...

Quase não sei dizer quem escreveu o que. Só sei que agradeço demais pelas palavras que nos trouxeram até aqui.

“Tenho vontade de traduzir seu texto, mas é estranho, não parece que o texto do outro é sagrado?”

“... vocês serão meu confessor, e a escrita a minha maior possibilidade e tentativa de confissão.”

“Ensaiei esse gesto inúmeras vezes sem conseguir estrear, carregando a sensação de que não estava pronto, que eu não estava pronta.”

“Penso em quanta coragem é preciso para ser através da escrita.”

“Casa é qualquer lugar de sentir conforto para escrever, qualquer lugar em que a escrita vem porque está dentro.”

“... acredito que escrever é mapear ou cartografar o inconsciente.”

“Li você com o pé na areia. Um vento de carregar guarda sol.”

“Andei paralisada com as cartas. Não com as palavras. Estava andando com elas por outros lugares.”

“... de hoje em diante é do gosto de abrir um envelope e desdobrar uma carta que vou me lembrar todas as vezes que me faltar coragem.”

²⁰ Grupo criado para interação de trabalhos durante a Pós graduação “Gestos de Escrita com prática de Risco”

“Escrever para vocês me ocorreu no meio da tarde, enquanto aguava as plantas.”

“Fui sentindo as palavras na boca. Engolindo algumas, ruminando outras. A confissão. É preciso ruminar até confessar.”

“Receber sua carta me encheu de coragem... acabei de decidir que vou continuar.”

“Sou mulher de parcerias. De bandos.”

“Escrevo muito, mas sempre pouco.”

“... sou feita de histórias, silêncios e saudades.”

“Confesso aqui a possibilidade de colocar nas cartas o que não contei nem pra mim, eis o maravilhoso salto no abismo que é escrever.”

“... um envelope que chega com duas páginas escritas que me trazem o mundo todo, o verdadeiramente humano.”

“... amigas escrevem cartas mesmo que não tenham nada importante pra dizer.”

“... nasceram com a escrita, com a coragem para não dar conta de tudo.”

“Vocês são desculpa para escrever. Penso por escrito e preciso pensar.”

“Quero mesmo te falar de palavras. Das poucas que vejo em você. No muito que o pouco traz.”

“Definitivamente, essas cartas me fazem pensar.”

“Ela escreve como eu ou eu escrevo como ela?”

“Por que escrevo? Por que escrevo do jeito que escrevo? Por que escrevo sobre o que escrevo? Para que não chegue o fim.”

Cláudia Ricci

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARTHES, Roland. Roland Barthes por Roland Barthes. Tradução de L. Perrone Moisés. SP: Cultrix, 1975.

BARTHES, Roland. A Câmara Clara: Nota sobre a fotografia. Tradução de Júlio C. Guimarães. RJ: Nova Fronteira, 1984.

DELIGNY, Fernand. O Aracniano. São Paulo: N-1 Edições, 2015.

DURAS, Marguerite. Escrever. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

FLUSSER, Vilém. Gestos. São Paulo: Annablume, 2014.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é o autor? Lisboa: Passagens. 1992.

JAFFE, Noemi. Livro dos Começos. São Paulo: SESI- SP. 2018.

LLANSOL, Maria Gabriela. O livro das comunidades. Lisboa: Relógio D'água, 1999.

LLANSOL, Maria Gabriela. Um falcão no punho. 2. ed. Lisboa: Relógio D'Água, 1985

LLANSOL, Maria Gabriela. O começo de um livro é precioso. Lisboa: Assírio & Alvim, 2003

MARQUES, Ana Martins. Como se fosse uma casa: uma correspondência/ Ana Martins Marques; Eduardo Jorge. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2017

NANCY, Jean-Luc. "58 Indices sur le corps". (In: _____. Corpus. Ed. revista e aumentada. Paris: Métailié, 2006, p. 145-162). Versão escrita para a revista portuguesa Revista de Comunicação e Linguagens, n. 33, Lisboa, 2004.

RICCI, Cláudia Regina, "Entre Narrar e Escrever: Tecendo Narrativas acerca do narrar e escrever pelo Avesso," 2021 p. 20, *Plataforma de Pesquisa, A Casa Tombada*, <http://biblioteca.acasatombada.com.br/items/show/1770>.

RILKE, Rainer Maria. Cartas a um jovem poeta. Tradução Pedro Sússekind. Porto Alegre: L&PM, 2007.